

Alerta

Renascem com um viço indesejado os germes patológicos da inflação, conforme revelações de especialistas instalados nos órgãos de estado-maior do Ministério da Economia e objeto de ampla reportagem publicada por este jornal. Uma conspiração de fatores, aleatórios uns, previsíveis outros, adensa-se no momento para traçar rota ascendente no processo de formação de preços. Economistas de diferentes cortes ideológicos estimam, quase à unanimidade, que a taxa inflacionária atual deveria situar-se no limite máximo de três por cento, em virtude do congelamento de preços e salários em vigor.

Contudo, a expansão dos custos gerais da economia, no nível do consumidor, ronda a casa dos nove por cento e há, infelizmente, fundadas razões para acreditar que atingirá os dois dígitos ao final do mês corrente. Os próprios técnicos oficiais, embora colocados à sombra confortável do *off the record*, destilam o mais forte pessimismo quanto à possibilidade de conter a tendência altista.

Há suspeitas de que o descongelamento gradual de preços, recentemente iniciado, libertou adormecidas energias psicológicas, sabidamente um dos mais perversos agentes de empuxe inflacionário. Causas não faltam, certamente, para conferir ao fenômeno relação confiável de origem e efeito, mas não levam, por si só, a resultado algum. É indispensável examiná-las e cotejá-las para chegar-se a um diagnóstico correto e, à base dele, ministrar as terapias econômicas adequadas.

Pouco adianta, a esse propósito, localizar na existência de um **deficit** público da ordem de quatro por cento do Produto Interno Bruto, veementemente desmentido pelas autoridades monetárias, a fonte das pressões inflacionárias atuais. O importante é que as expectativas inflacionárias, fato notório e, como tal, dispensável o exercício matemático de prová-lo, sirvam de alerta ao Governo para que sejam tomadas as medidas adequadas, a fim de prevenir contra um surto incontrolável no crescimento dos preços.

Socorre a política econômico-financeira, na presente conjuntura, a informação de que o Fundo Monetário Internacional e, no espectro financeiro norte-americano, o próprio governo dos Estados Unidos estão dispostos a ajudar o Brasil na negociação da dívida externa. É um acontecimento auspicioso em meio a análises depressivas sobre a evolução, a curto prazo, do processo econômico interno, visto que o pagamento da dívida em condições menos draconianas melhorará a posição do Governo para enfrentar os desafios da crise interna.

É ruim o perfil projetado sobre o horizonte, porque a inflação tende a dobrar-se em um cenário dramático de recessão. Mas é indispensável lutar para mudar-lhe os traços dominantes. Pelo menos a frente externa sinaliza com mudanças úteis a melhor ordenação do sistema econômico interno.